

Língua, sujeito e história: análise de verbetes no Dicionário Regionalista do Rio Grande do Sul

Language, subject and history: analysis of entries in Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul

Valéria de Cássia Silveira SCHWUCHOW (UFRGS)
valeriadecassias@hotmail.com

Recebido em: 13 de abr. de 2019.
Aceito em: 15 de jul. de 2019.

SCHWUCHOW, Valéria de Cássia Silveira. Língua, sujeito e história: análise de verbetes no Dicionário Regionalista do Rio Grande do Sul. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 261-276, set-dez/2019.

Resumo: Investigamos neste artigo as definições de Gaúcho, China e Prenda, presentes no “Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul”, a fim de observar os movimentos de sentidos ao propormos investigar a nomeação e a designação nesses verbetes. A mobilização destes conceitos nos leva a compreender o funcionamento da língua, do sujeito e da história na organização dos dicionários. Entendemos que os movimentos entre nomear e/ou designar, numa definição, instauram uma inscrição histórica e simbólica do sujeito determinada pelas formações sociais. Assim, nossa pesquisa verificou no dicionário estudado uma permanência da nomeação Gaúcho com um deslocamento na designação, enquanto que para a definição da mulher Gaúcha temos nomeações e designações distintas, nesse caso as derivas de sentido são dadas por determinações históricas e sociais inscrevendo o sujeito em uma relação com o simbólico. Nossas análises seguem as teorias de Análise de Discurso Francesa e da História das Ideias Linguísticas no Brasil, seguindo os estudos desenvolvidos por Eni Orlandi e outros pesquisadores brasileiros.

Palavras-Chave: Dicionário. Nomeação. Designação.

Abstract: In this article, we investigate the definitions of “Gaúcho”, “China” and “Prenda”, presents in “Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul”, willing to observe the senses’ movements when we propose to investigate the nomination and the designation of these entries. The mobilization of these concepts guide us to understand the functioning of the language, the subject and the history on the dictionaries’ organization. We realize that the movements between nominate and/or designate begin a historical and symbolic inscription of the subject determined by the social formations. Therefore, our research verified on the studied dictionary a permanence of the nomination Gaúcho with a displacement on the designation, while the definition of the “gaúcha” woman presents different nominations and designations. In this case, the drifts of the meanings are given by historical and social determinations inscribing the subject in a relation with the symbolic. Our analysis are guided by the theories of the French Discourse Analysis and the History of the Linguistic Ideas in Brasil, following the studies developed by Eni Orland and others brazilians researchers.

Keywords: Dictionary. Nomination. Designation.

Palavras Iniciais

O dicionário pode ser um recurso para sabermos a escrita correta de uma palavra ou uma via para conhecermos o seu significado. Diante disso, podemos dizer que o dicionário se caracteriza como um instrumento utilizado para aprender e empregar uma língua em um dado momento histórico. A partir desse entendimento os dicionários quando observados por meio das teorias da Análise do Discurso Francesa e da História das Ideias Linguísticas do Brasil permitem estudarmos a produção dos sentidos no funcionamento da língua e, com isso, tratar de questões que abarcam o sujeito e a história.

Para a pesquisa investigamos, nas definições dos verbetes, a produção dos sentidos dada a partir das noções de nomeação e de designação. Para isto selecionamos o “Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul”. Esse dicionário deriva de um projeto iniciado há mais de meio século que, como consta na nota dos autores “se foi enriquecendo com palavras e expressões colhidas – não só na linguagem falada (...), mas, também, em centenas de obras...” (NUNES; NUNES, 1996, p. 6).

Nosso objeto de estudo expande a concepção primeira de dicionário comportando apenas definições de verbetes, pois traz trechos de obras literárias, de canções regionalistas do Rio Grande do Sul e de países fronteiriços como Argentina e Uruguai, de poemas e de narrativas a exemplo de lendas e causos do cenário do estado sulista. Da gama das diversas discursividades usada como recurso na pretensão de alcançar uma completude para as definições, abarcando os possíveis sentidos em circulação em certo período histórico e em dada sociedade, podemos compreender pela historicidade da palavra como se dá o processo de formação dos sentidos ao nomear/designar o homem e a mulher do/no Rio Grande do Sul.

A noção de historicidade, pela perspectiva da Análise do Discurso, recupera a inscrição de efeito de sentidos na constituição da produção das discursividades, atentando para o elo com a exterioridade filiada no processo discursivo. Nossa investigação pelo viés da história difere da História¹ sem, no entanto, excluí-la, há sobretudo uma “ligação entre a história lá fora e a historicidade do discurso (a trama de sentidos nele), mas ela nem é direta, nem automática, nem de causa e efeito” (ORLANDI, 2001, p. 55). Nesse percurso, a história não deve servir de pressuposto para o discurso, deve ser conjecturada como uma materialidade histórica e, assim, produzir efeito de sentidos por e para sujeitos.

Considerando discutir acerca do movimento na produção de sentidos pela observação da historicidade nos ocuparemos em analisar o efeito de sentidos propostos no discurso dos verbetes: ‘Gaúcho’, ‘China’ e ‘Prenda’, uma vez que tais vocábulos são, por vezes, tomados como gentílicos do sujeito homem e mulher nascidos no Rio Grande do Sul. Entendemos que as definições em um dicionário acabam regulando um imaginário, simultaneamente são capazes de fornecer a apreensão de certo processo histórico, permitindo, com isso, aferir nas acepções os dizeres passíveis de circularem em certa sociedade e período, trazendo, portanto, a inscrição de um conhecimento fornecedor de ‘pistas’ para a observação da movência de sentidos.

Salientamos que a pesquisa está inserida no projeto “A constituição do sujeito na e pela língua: investigações acerca do processo de gramatização, manutenção e atualização do saber nos e sobre os instrumentos linguísticos”². Nosso grupo se propõe a investigar a constituição/instituição de sentidos capazes de revelar o imaginário sobre o sujeito, a língua e a história, tendo como objeto os instrumentos linguísticos. É a partir de Sylvain Auroux (1992) que entendemos a concepção de instrumento linguístico, como tecnologias semelhantes à gramática e ao dicionário, suportes que procuram descrever e instrumentar uma língua. Por fim, concebemos os dicionários como um instrumento linguístico respaldado pelo aporte teórico da Análise do Discurso de Linha Francesa e da História das Ideias Linguísticas.

¹ História estudada pelos historiadores.

² Projeto realizado no âmbito de bolsista CAPES de IC, com coordenação da Prof^a. Verli Petri, pela UFSM.

Das teorias

A teoria orientadora de nossos estudos, a Análise do Discurso Francesa desenvolvida por M. Pêcheux e, no Brasil, Eni Orlandi, é tomada como disciplina de entremeio, pois estabelece relações com o Materialismo Histórico, a Linguística e a Teoria do Discurso, atravessados pela Psicanálise. Entendemos por entremeio não a sobreposição de uma teoria perante a outra, mas:

uma relação metafórica, ressignificação, como a que se dá quando se toma discursivamente a não transparência do sujeito, a não transparência da língua, a não transparência da história. E não são tampouco empréstimos, digamos empíricos, são metáforas (ORLANDI, 2012a, p. 11).

Desse modo, a Análise do Discurso possibilita a investigação dos sentidos presentes na inscrição da língua, não a concebendo como um sistema isolado, mas a relacionando com a exterioridade e com os outros campos de conhecimento. Temos, então, uma perspectiva teórica que permite conceber os sentidos remetendo para outros sentidos. Nessa multiplicidade o sujeito e os sentidos, em sua inscrição e constituição, são afetados pela língua e pela história.

Do mesmo modo, o campo da História das Ideias Linguísticas (HIL), como vem sendo desenvolvido no Brasil, trata das produções do conhecimento linguístico pelo viés histórico. A história de que trata a HIL está na maneira como se produzem e como se divulgam os sentidos presentes no discurso, diferentemente da História, que procura recuperar a cronologia e a evolução dos fatos. O discurso, na História das Ideias Linguísticas, seria “como algo sujeito a equívoco, dando lugar a re-leituras, a divisões, a diferentes filiações teóricas, em suma, dando lugar à crítica em relação às teorias” (ORLANDI, 2013, p. 9).

Do contato das perspectivas, Análise do Discurso e História das Ideias Linguísticas, temos o trabalho com o linguístico e com o histórico, resultando em um conjunto capaz de fornecer meios para pesquisar o modo de produção do discurso e dos sentidos.

Do objeto

Os recortes trazidos à discussão advêm da 8ª edição do “Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul”, dos autores Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes, publicado em 1996, sendo o

lançamento datado dos anos 1980. Esse dicionário apresenta, como já mencionamos, a peculiaridade de trazer, para as definições dos verbetes, trechos literários, passagens do período histórico e músicas. Essa busca por diferentes discursos confere às definições dos verbetes um alcance das possibilidades de sentidos para os vocábulos, permitindo que, com isso, compreendamos como em certo período determinada sociedade significa determinados dizeres.

Os dicionários são então considerados instrumentos linguísticos que, frente às teorias mobilizadas, comportam-se como:

objetos discursivos (...) produzidos por práticas reais em determinadas conjunturas sociais, ou seja, o dicionário é produzido sob certas 'condições de produção dos discursos'. E as palavras não são tomadas como algo abstrato, sem relação com os sujeitos e as circunstâncias em que eles se encontram, mas sim como resultantes das relações sociais e históricas, relações essas que são complexas e, por vezes, polêmicas ou contraditórias' (NUNES, 2010, p. 6-7).

O quadro teórico que mobilizamos possibilita tratar os dicionários além de simples verificadores da ortografia e dos sentidos para assumirem o papel de um índice informando as condições de produção. Tomados como “objetos discursivos” preservam um lugar de memória, registram um costume, um cotidiano, um modo de construção de um imaginário acerca do sujeito. Nesse processo, o dicionário ao mesmo tempo fixa uma memória passível de ser reproduzida e institui um significado simbólico, ao mostrar uma prática ou um ritual, tudo isso no interior de sua estrutura normativa.

No discurso dos dicionários é possível a observação da oscilação entre memória e história, formando um círculo em que a história gera a memória e a memória cria a história. Dentro de tal movimento circular é impossível a mobilização apenas de uma ou outra noção, pois a memória e a história separadas não nos possibilitam ver os dicionários como locais de memória. Para Nora (1993), os “locais de memória” funcionam com a presença da memória e da história, compondo um jogo estabelecido pelo distanciamento e pela passagem entre o lembrar e o esquecer, nessa trama algo precisa ser esquecido para ser lembrado, não posso retomar algo, mesmo carregado de outros atravessamentos, sem já o ter conhecido. Nas palavras do autor, os locais de memória comportam um espaço:

em que a história requer distância e mediação, enquanto a memória é transportada por uma conjunção viva, estando,

assim, em constante progressão, relacionando-se com a lembrança e o esquecimento, sendo capaz de ficar longo tempo paralisada, ou desativada, e de repente se vitaliza (NORA, 1993, p. 22).

À vista disso, os dicionários se constituem como objetos discursivos em que a memória e a história são noções capazes de mobilizarem imaginários, uma vez que a história permite a verificação das relações sociais, econômicas, políticas, com suas nuances. Assim, o movimento na história e na memória quando analisado no discurso dicionarístico traz à baila não somente as práticas sociais reproduzidas em determinado período sócio-histórico, mas também os sentidos que essas práticas inscreviam nos dizeres acerca dos sujeitos.

Dos verbetes e dos conceitos

Face ao entendimento de que o dicionário é um objeto discursivo, fornecendo além da verificação de modos de escrita e significados, também o funcionamento de uma sociedade em certa época. Destacamos na leitura do dicionário pelo viés discursivo a oscilação dos sentidos, isto é, há um movimento posto pela determinação histórica sedimentando e estabilizando os sentidos, tal deslocamento permite aferir como sentidos podem, ou não, atualizarem-se, ou, ainda, como eles podem ser afetados por um pretense apagamento.

Na análise de um verbete, o gesto de interpretação do analista deve prever os equívocos, os deslizamentos e as contradições possíveis. Não consideramos haver no dicionário um sentido fixo, pois entendemos recuperarem aspectos que, observados pelas teorias da Análise do Discurso e da História das Ideias Linguísticas, possibilitam considerar uma história dos sentidos. Desse modo, as definições dos verbetes nunca são isentas da multiplicidade de sentidos, pois derivam de uma posição discursiva daquele que os inventariou e de uma condição de produção.

Ao abrir o dicionário, deparamo-nos com as definições. Essas, por sua vez, ao serem analisadas pelas perspectivas teóricas às quais nos filiamos podem ser separadas por aquelas que significam o vocábulo na forma de designação ou/e na forma de nomeação. A primeira produz, no dizer, uma relação com o simbólico, enquanto, a segunda concebe uma implicação com a história. Em outras palavras, na nomeação encontramos o gesto de nomear, isto é, “dar existência histórica” (GUIMARÃES, 2003, p. 21). Assim, ao atribuir um nome a

algo, estamos o incluindo na história e o instaurando na memória. Ao passo que, na designação, se remete para uma significação simbólica envolvendo o nome, “a designação não é algo abstrato, mas linguístico e histórico. Ou seja, é uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real” (GUIMARÃES, 2003, p. 21).

À vista disso, temos de um lado a nomeação agregando uma inscrição histórica do sujeito no mundo, e de outro lado, a designação investindo o nome de uma significação simbólica. Ao nomear o sujeito/objeto passa a ter sua existência reconhecida pela história, nesse ato ele passa a fazer parte do processo histórico, recuperando, pelo nome, interpretações de acontecimentos presentes ou passados.

Nesse processo de definir podemos assumir diversas e diferentes possibilidades de dizeres, atualizadas no momento do dizer como efeito de um esquecimento dado por um ressoar da memória plena em significações, com isso, o nome na inscrição histórica do sujeito pode sempre reaparecer afetado por sentidos outros.

Nessa atualização do sentido do nome, trabalham os efeitos ideológicos, provocando a ilusão de que há apenas um sentido. O esquecimento se torna constitutivo para a atualização do nome. Nesse ínterim, a nomeação posta na definição pode, por vezes, apresentar uma atualização dos dizeres, produzindo um efeito de apagamento de sentidos anteriores. Esses são então esquecidos em um processo arranjado pelo funcionamento da ideologia, propondo-se então novos/outros sentidos.

Esclarecemos, de forma breve, o funcionamento da ideologia como um elemento determinante do sentido, presente no interior do discurso que, simultaneamente, atua na exterioridade, sem, contudo, ser algo exterior ao discurso, mas constitutivo da prática discursiva. Entendida como efeito da relação entre sujeito e linguagem, a ideologia não é consciente, mas funciona em toda manifestação do sujeito.

Propor uma análise das definições de verbetes, compreendendo os sentidos afetados pela ideologia, pela memória e pela história, requer trazer para a discussão a consideração de que o estado do Rio Grande do Sul está particularizado por aspectos sociais, históricos e geográficos, compondo condições de produção específicas para tratar de questões de gênero. Na constituição desse povo, faz-se presente a marca da virilidade, das guerras e da fronteira, um ambiente configurado por determinações históricas e sociais que inscrevem sentidos na imagem do homem e da mulher sulistas.

Pretendemos observar por meio das análises das definições, nos movimentos de nomeação e designação, como um imaginário significa e ressignifica. Para isso, a noção de nomeação é ponderada na relação histórica e a de designação é pensada na inscrição do simbólico pela linguagem, com a possibilidade da significação.

Apresentamos as definições dos verbetes “Gaúcho”, “China” e “Prenda” retiradas do “Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul”. Ressaltamos que, na definição de “Gaúcho”, foi realizado um recorte devido a extensão da definição, em torno de 8 páginas; já, as definições de “China” e de “Prenda”, encontram-se transcritas em sua íntegra.

Recorte I

Gaúcho, s. e adj. habitante do Rio Grande do Sul. || habitante do interior do Rio Grande do Sul, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lidas campeiras. || habitante da Argentina e do Uruguai, da região da campanha, com origem e costumes assemelhados aos dos rio-grandenses. || Primitivamente: Changador, gaudério, ladrão, contrabandista, vagabundo, desregrado, coureador, andejo, índio ou mestiço, maltrapilho, sem domicílio certo, que andava de instancia em estância, trabalhando em séricos que fossem executados a cavalo. (...)

Recorte II

China, s. Descendente ou mulher de Índio, ou pessoa do sexo feminino que apresenta algumas das características étnicas das mulheres indígenas/ Cabocla, mulher morena/ Mulher de vida fácil.

Recorte III

Prenda, s. Jóia, relíquia, presente de valor / Em sentido figurado, moça gaúcha.

Das três definições somente a primeira, a de Gaúcho, faz referência ao aspecto gentílico. Aliás, não encontramos no dicionário qual seria a nomeação feminina para a descendente do Sul do Brasil,

como podemos observar, no verbete “Gaúcho” não está posta sequer a possibilidade de substantivo feminino (Gaúcha). O excesso na tentativa de abarcar uma completude para a acepção “Gaúcho” e, de esse ser o ‘representante’ único do estado, contrasta não somente com a escassez das definições das mulheres, mas, especialmente na falta de um gentílico para a mulher proveniente dessa região. Podemos acrescentar, dito de uma posição de mulher nascida no Rio Grande do Sul, a particularidade de que ao se nomear “Gaúcha” a mulher do Sul, inscrevemos sentidos capazes de implicar uma filiação com a história; o nome passa a designar significados simbólicos, produzindo efeito de sentidos assemelhados aos do “Gaúcho”, como o valente, o destemido. Por outro lado, ao se chamar de “Prenda”, estabelece-se uma relação de mulher companheira do “Gaúcho” e, de quase submissão. Cabe, ainda, pela recuperação do efeito de sentidos, na acepção primeira de prenda, como algo dado ao vencedor, uma premiação, o efeito de uma objetificação dessa posição de mulher.

A partir disso, podemos dizer que, na definição de “Gaúcho”, encontramos a inscrição deste sujeito no mundo. Para Guimarães, ‘Nomear é assim distinguir’ (2003, p. 21), com isso temos o nome tornando possível a identificação de uma origem, o ‘habitante’, ou seja, sua posição em relação aos outros. Posição essa que é negada à mulher, como já descrevemos. Dito de outro modo, pela nomeação o sujeito Gaúcho é distinguido dos demais, passa a ter sua inscrição no processo histórico, sendo particularizado.

Em seguida, na mesma definição podemos analisar o funcionamento da designação, por meio de adjetivos, inscrevendo simbolicamente na história e na memória a imagem deste sul-rio-grandense. Pela designação, encontramos a contradição envolvendo a rememoração daquilo que o nome “Gaúcho” significava e daquilo a que atualmente ele remete. Tal contradição coloca o “Gaúcho mau” sendo atualizado pelo sentido de “Gaúcho bom”. Essa oposição de sentidos nos é conferida pela nomeação e pela designação, no instante em que a nomeação traz a origem e os costumes desse homem, e a designação remete a uma descrição das características pejorativas, recuperando uma definição passada, quando diz “primitivamente”. Por meio dessa oscilação, vemos uma atualização na formulação dada pelo contraste inscrito no que o nome passa a recuperar, questões históricas, e aquilo que a designação propõe resgatar, as características majoritariamente pejorativas.

Temos, nesse movimento dos sentidos, o nome ‘Gaúcho’ num primeiro momento histórico designando, de forma pejorativa, o homem da região Sul do Brasil e, num segundo momento, a atualização que faz com que o nome assuma outra filiação de sentidos, incutindo, então, uma imagem passível para representar um gentílico.

Entendemos, desse modo, que tal definição abrigaria, ao mesmo tempo, uma nomeação e uma designação. A designação, que remeteria a sentidos circuláveis nos períodos do povoamento da região, especialmente os da ocupação do território que fora realizada de forma bruta e rudimentar, com o arregimento de homens, até de outros estados, para fazer o trabalho de invasão e usurpação de terras e animais, simbolizando, portanto, que este homem ‘primitivo’ passou por um pretense apagamento, pois para muitos brasileiros este sentido pejorativo do sul-rio-grandense não é conhecido. Em parte, essa ilusão de apagamento está fomentada pela nomeação, possibilitando uma atualização dos sentidos, conferindo, então, outra imagem desse mesmo homem.

Diferentemente da definição de ‘Gaúcho’, em que o verbete traz, simultaneamente, uma nomeação e uma designação na definição para atualizar os sentidos do homem “Gaúcho”, as definições de mulheres analisadas trazem em separado as nomeações e as designações, assim as imagens de mulher se apresentam em verbetes distintos formulados ora pela nomeação, ora pela designação.

Em “China”, a definição está arranjada na forma de uma nomeação, parte de uma construção das características físicas para dar a conhecer a identidade dessa mulher ocupante da região Sul. Temos um sujeito proveniente da miscigenação das raças, recuperando um momento histórico do povoamento do estado com as mesclas de povos. Destacamos, também, o discurso na definição perpassando a classe social dessa mulher, quando é nomeada pelo lugar social que ocupa: ‘Mulher de vida fácil’. Sugerimos, pela análise, que a imagem dessa mulher está posta enquanto sujeito histórico, resgatando uma identidade com características definidas, individualizando-a dentre os outros sujeitos.

De maneira oposta, a definição de “Prenda” não nos remete a uma origem ou a uma descendência étnica da mulher. Podemos dizer com isso que essa mulher não existe historicamente, pois não está diferenciada dos demais sujeitos. No entanto, a relação dessa com o povo rio-grandense aparece de forma simbólica dada pela inscrição

“em sentido figurado ela é moça Gaúcha”. Poderíamos pensar então a “Prenda” como a representante feminina gentílica do estado, já que não temos a expressão “Gaúcha”. Contudo, caso essa definição bastasse para que Prenda correspondesse à Gaúcha, nem todas as mulheres poderiam ser assim consideradas, uma vez que a definição traz a peculiaridade de que somente as “moças” seriam as Prendas, excluindo, conseqüentemente, outras Gaúchas que não sejam consideradas moças. Nessa delimitação do sentido de Prenda podemos questionar o que seria essa moça, seriam as jovens? Ou, as solteiras? Ou, ainda, as que não são casadas com um gaúcho?

Nas definições “China” e “Prenda”, identificamos duas imagens: a primeira vinculando sentidos de mulher postos em circulação na época das demarcações de territórios e a segunda correspondendo a uma mulher capaz de interagir na sociedade que então se organizava. Desse modo, podemos inferir que o efeito de sentidos dos verbetes femininos em questão remetem aos sentidos históricos, que caíram em desusos. Sabemos que o período de desbravamento e ocupação do território nacional veio com a colonização europeia, que afetou significativamente as relações sociais no Brasil. As mudanças sociais atingem os sujeitos seus modos de agir e de pensar. Assim, nessa sociedade então ‘criada’, passam a circular novos hábitos, como a presença da mulher em espaços públicos comuns aos homens. Dentre os novos costumes surge, nos centros urbanos, um movimento procurando reproduzir as práticas do sujeito interiorano, cria-se o MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho). Nesse espaço social, a mulher não podia mais ser vista como a ‘China’, uma vez que o nome carrega uma imagem negativa, inadequada para a nova configuração social a que se destina a mulher no MTG.

Desse modo, comparece outro nome para identificar a mulher do “Gaúcho bom” e, a imagem da China é substituída pela da Prenda. A nomeação “China”, em sua existência histórica, segue nesse novo/ outro meio social carregando sentidos igualmente depreciativos para essa imagem de mulher. Com isso, podemos acrescentar que o efeito de sentidos são passíveis de análise não somente pela observação das definições dos verbetes, mas também pela comparação entre eles. Um exemplo passível de apreendermos esse efeito de sentido são as canções tradicionalistas, nelas podemos observar como são recuperados os sentidos das definições estudadas.

Recorte IV

Não chora minha china *véia*, não chora me desculpa se eu te esfolei com as minhas esporas³

Vou-me embora, vou-me embora, Prenda minha, tenho muito o que fazer, tenho que ir para o rodeio, Prenda minha, nos campos do bem querer⁴

Sou Gaúcho, Gaúcho macho, comigo é bala no bucho e o negócio é mais embaixo⁵

As canções tradicionalistas significam os sentidos presentes no dicionário, isto é, a China cantada na música está em uma condição inferior a da Prenda: ela apanha e tem negada a possibilidade de chorar. Enquanto a Prenda, apesar de não sofrer agressões, comparece semelhantemente de forma submissa: ela espera pacientemente em casa a volta do Gaúcho que sai para os “campos do bem querer”. Os dizeres acerca das mulheres são significados socialmente. Nesse viés, a China permanece com seus sentidos depreciativos do mesmo modo; a Prenda, uma mulher devota às questões do lar. O fato de haver dois termos para a definição da mulher diferenciando-as, seja um de caráter depreciativo e outro enaltecido, ainda que convocando uma posição submissa, repercute na contemporaneidade, como observamos nas músicas, ao encontrarmos a necessidade de distinguir o que a cada uma está reservado.

A memória se constitui pelo esquecimento; fica adormecida para depois de um longo período acordar sob a mesma forma ou com traços diferenciados. A partir disso, o esquecimento produz efeitos e significa em nosso presente: “sem passado não temos história e sem esta não significamos o presente, nem projetamos o futuro” (ORLANDI, 2012b, p. 36). É pelo resgate do passado que podemos pensar o Gaúcho significado na canção, um sujeito disposto a solucionar suas desavenças com o uso de armas. A expressão “o negócio é mais embaixo” propõe uma situação complexa, que exige atenção e cuidado, ou, nesse caso, o cuidado seria com as palavras a serem ditas, frente a um homem

³ Garotos de Ouro. Não chora minha china *véia*. **Pago Sul**. São Paulo, USA Discos, 1998.

⁴ Délcio Tavares. Prenda minha. Sucessos do Ri Grande. Caxias do Sul, Acit, 2008.

⁵ Gaúcho da fronteira. Gaúcho macho. Xucro de campanha. Rio de Janeiro, Warner Music Brasil, 2002.

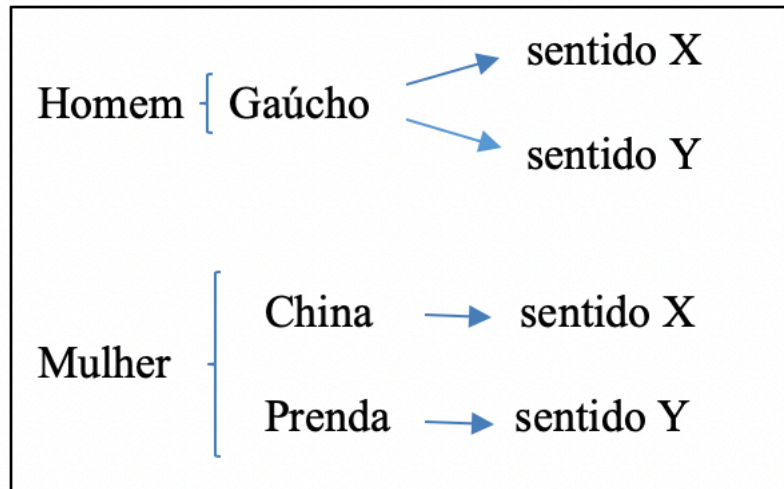
armado. Espera-se com isso respeito promovido pelo medo em sofrer algum atentado a vida. A memória de um Gaúcho destemido e temido ressoa na canção. O sentido primitivo pode ser retomado, ao mesmo tempo, em que ele compartilha saberes para uma imagem do Gaúcho contemporâneo.

O recorte das músicas nos permite refletir que, diferentemente do que ocorreu com o vocábulo “Gaúcho”, “China” e “Prenda” não apresentam sentidos contraditórios. Cada uma está definida a seu modo e resgata uma imagem de mulher. Não há uma atualização do sentido no verbete, mas uma permanência, em que podemos identificar a “China” como aquela carregada de preceitos inapropriados para uma moça de família, diferentemente da “Prenda”. Nesse arranjo, a “Prenda” sugere, a partir da definição pela designação, uma nova imagem de mulher, digna de frequentar a sociedade e de ser a companheira desse novo/outro “Gaúcho”. Definida pela designação, ela resgata o simbólico, promovendo um pretense apagamento da mulher parceira do Gaúcho ‘primitivo’ a “China”, para em seu sentido figurado inaugurar uma outra imagem feminina configurada em outro período histórico e social.

A observação do movimento dos sentidos só é possível por que esses estão em constante circulação. A cada dizer, o discurso se atualiza e novos/outros sentidos se inscrevem na palavra. Por isso, a palavra “Gaúcho” pode ter seus sentidos alterados, enquanto “China” e “Prenda” permanecem pouco alterados de forma a manterem-se os usos distintos de cada termo.

A análise das definições nos permite pensar na oscilação dos sentidos para o homem e para a mulher. Assim o homem Gaúcho contemplaria uma ambivalência de sentidos, mesmo que o primeiro sentido, o do Gaúcho mau, esteja envolto em um pretense apagamento; para as mulheres, não observamos essa multiplicidade de dizeres, o que constatamos foi a necessidade de separar aquela que nomeia uma mulher de vida fácil em oposição àquela que se assemelha a uma dádiva, símbolo da pureza. Diante dessa reflexão organizamos um esquema, de modo a esclarecer esse movimento nas definições.

Quadro 1 – Movimentos dos sentidos



Fonte: Elaborado pela autora.

Seguindo Pêcheux (2014), ao escrever que a ideologia fornece as evidências, propomos que os sentidos para o “Gaúcho”, na conjuntura atual, como homem valente, viril e destemido, deixa encoberto o sentido primitivo, isto é, não apaga por total, o efeito de bandido e vagabundo, isso pelo efeito da ideologia que requer preceitos valorosos para representar o gentílico sul-rio-grandense.

Como já mencionamos, a noção de ideologia difere de um apanhado de preceitos com vistas a fornecer meios para representações. Antes de tudo, é uma prática produzindo efeito na imbricação do sujeito com a língua e com a história. Em Análise do Discurso, entendemos que sujeito e sentidos se constituem ao mesmo tempo. Com isso, esse novo/outro Gaúcho não pode ser mais visto como aquele sujeito capaz de atos ilícitos para demarcar suas fronteiras. Passa, a partir da construção de uma sociedade contemporânea, a requerer novos/outros sentidos, por isso a correspondência entre a ‘modernização’ e a atualização do que a imagem do sujeito propõe resgatar.

Pêcheux (2014) nos ensina que as palavras não comportam em si uma existência, mas são determinadas pelas posições ideológicas. Essas posições, por sua vez, apresentam-se no processo sócio-histórico, processo esse que joga com a produção das palavras. Com base nessa compreensão, podemos dizer que o fato de haver duas definições para mulher está determinado pelo processo sócio-histórico da época que conservou sentidos de um período colonial e de guerras na acepção de China.

Observamos o processo ideológico determinado pelo período sócio-histórico da época da colonização inscrito na definição especialmente no instante em que a definição nomeia como descendentes indígenas a China, com sentidos filiados em proposições pejorativas, acabando por depreciar o caráter dessas mulheres. Semelhantemente a como eram tomadas as mulheres indígenas nesse contexto de exploração territorial, a definição de China exposta no dicionário recupera sentidos enleados em uma rede que compreende essa mulher como promíscua.

Palavras finais

Não nos propomos aqui a um fechamento ou a uma conclusão, mas em aprofundar as relações entre a análise e os conceitos. Desse modo, podemos observar os sentidos na relação com o lugar social e histórico que o sujeito nomeado/designado ocupa, uma vez que o ato de nomear/designar produz efeitos que funcionam em movimentos externos à língua. Nesse viés, a nomeação e a designação revestidas da exterioridade produzem sujeitos distintos, que ora são constituídos historicamente e ora simbolicamente.

Nossas considerações finais reforçam os movimentos de nomeação e de designação nas definições dos verbetes. Enquanto, no verbete 'Gaúcho', a definição da imagem do homem sulino se dá em torno do mesmo nome — agregando outra designação, suspendendo um sentido simbólico, primitivo, tornando-o, portanto ilusoriamente apagado — na imagem de mulher não encontramos o apagamento em torno do mesmo nome, mas uma duplicidade, ou seja, dois nomes para dizer da mulher do Gaúcho primitivo e da mulher do Gaúcho capaz de comparecer na sociedade contemporânea.

A definição de Prenda dita pelo simbólico arranja virtudes nobres, permitindo que essa mulher circule na sociedade contemporânea; a imagem é produzida para ser mais adequada, uma vez que os sentidos de China recuperam o processo de formação do estado.

Por meio da análise temos a compreensão de que o nome China faz ressoar na memória uma sociedade 'fundadora' do estado, em que as mulheres, na maioria indígenas, viviam em acampamentos sendo tratadas pelos homens, por vezes, sem o merecido pudor e respeito. Diante dessa prática, tem-se a necessidade de uma atualização nos sentidos para a mulher que passa a frequentar o mesmo meio social dos homens, como um símbolo. A Prenda com seus sentidos forjados pelo

MTG, representa a família e, a partir disso então tende a ser vista com sentidos díspares dos da China.

Por fim, insistimos que, apesar das diferenças apontadas, ambos os verbetes — China e Prenda — repercutem o sentido de objeto, reservando os sentidos de sujeito propriamente dito para o verbebo masculino Gaúcho. Esse contraponto não apenas estabelece uma relação entre China e Prenda, como também coloca esses dois verbetes em relação de contraste com o verbebo Gaúcho, o que resulta por ressoar o efeito de sentidos de uma constituição histórica dos sujeitos sul-riograndenses

Referências

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução Eni Orlandi. Campinas: Unicamp, 1992.

GUIMARÃES, E. A marca do nome. **Revista Rua**, Campinas, n. 1, p. 19-23, out.-dez., 2003.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NUNES, J. H. Dicionários: história, leitura e produção. **Revista de Letras** (Taguatinga), v. 3, p. 06-21, 2010.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. 1. ed. Campinas: Pontes, 2012a.

ORLANDI, E. P. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZA, G.; SANTOS, M. dos; SILVA, T. D. da (orgs.). **Sujeito, Sociedade, Sentidos**. Campinas: RG, 2012b.

ORLANDI, E. P. **Língua e Conhecimento Linguístico**: para uma história das idéias no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Unicamp, 2014.

Dicionário estudado:

NUNES, R. C.; NUNES, Z. C. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. 8. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.